

PARA QUEM NÃO SABE AONDE QUER CHEGAR, QUALQUER CAMINHO SERVE.

Edmario Nascimento da Silva¹

Orientador: Dr. Roberto Henrique Seidel²

Resumo: Pretende-se apresentar um caminho teórico para interpretar a compreensão que os editores de livros do território 18 — Alagoinhas, que podem se inscrever na esteira da economia criativa, têm do papel de suas editoras dentro do contexto do grande mercado editorial, destacando de que forma a produção de bens culturais regionais representados pelos livros e outras formas de produção de linguagem escrita, bem como as estratégias para a divulgação e distribuição desses bens, podem apontar para uma experiência questionadora das práticas capitalísticas que capturam e subjagam a produção cultural local e regional. Para isso, a articulação com teóricos como Giorgio Agamben, Guattari e Deleuze e Roberto Seidel podem possibilitar a criação de uma metodologia, uma estratégia de leitura da experiência e sua ressignificação para o campo da crítica cultural.

Palavras-Chave: Bens culturais. Experiência. Linguagem.

Para início de conversa, impõe-se colocar que não é tarefa fácil para qualquer pessoa que pretenda desenvolver alguma pesquisa, o empreendimento de refletir até a maturação, ou até a convicção, qual será o percurso metodológico, qual caminho acredita ser necessário trilhar para alcançar seus objetivos e quem serão seus companheiros nessa empreitada.

Quem tenciona fazer uma excursão por territórios desconhecidos ou pouco conhecidos, necessitará de pelo menos ter às mãos um plano e um mapa, ainda que rudimentar, para estabelecer um conhecimento mínimo acerca das terras em que pretende se aventurar, tendo clareza de que o “mapa não é o território”³.

Em uma clara referência a obra *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol, o título que nomeia esse trabalho tenta trazer um primeiro questionamento, uma provocação que pode funcionar de duas formas: a primeira dá conta da necessidade de se definir a priori aonde se quer chegar e, por via de consequência, como se pretende chegar, utilizando que caminho e quais instrumentos, equipamentos, materiais e ideias. Nesse sentido, seria antecipar a visão daquilo que se quer alcançar, dos resultados que se quer obter e em quanto tempo se pretende fazer isso. Aqui, tem-se por certo que se chegará a algum lugar porque ele já está dado antes mesmo do início da viagem.

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

² Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

³ DELEUZE, Gilles. GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

Um outro modo possível de ver a provocação proposta, e sempre deixando em aberto ao exercício da interpretação das possibilidades outras que se possa pensar, segue por via diversa. Propõe questionar se é possível definir antecipadamente o lugar aonde se quer chegar, via de regra, o caminho e instrumentos, equipamentos, materiais e ideias necessários na aventura. Será possível antever o ponto de chegada? É preciso que se diga: não se quer dizer que é desnecessário se preparar e que não se deve pensar sobre o caminho e estratégias para se alcançar algum resultado. O que se quer é inocentemente pensar sobre como equilibrar preparação e descoberta, o previsto e o imprevisto, o pensado e o inédito.

Está claro que se trata de pensar sobre o ato de pesquisar. Este implica em estabelecer um objeto, um problema, hipóteses, objetivos, metodologia, cronologia e resultados que se pretende alcançar. Mas também requer flexibilidade, sensibilidade, atenção, percuciência, paciência e reflexão constante para, ao dar a partida, ter o olhar atento para perceber que tudo que se pensou inicialmente pode estar equivocado ou inadequado, que o caminho pode não ser o escolhido, que a estratégia pode estar errada, que o objeto se apresenta outro, que o tempo não é o que se pensava e que os resultados em nada se parecem com o esperado. Se for esse o caso, embora se soubesse o lugar em que se desejava chegar e os passos que se pretendia dar até ele, caminhou-se por onde não se previa e desembarcou em terra totalmente diferente.

Com isso, pode-se dizer que, apenas depois de concluída a viagem será possível, olhando para trás, dizer qual foi o caminho trilhado e, olhando para o presente, dizer em que lugar se chegou.

Como se pretende apresentar a proposta de um caminho teórico para a pesquisa, fica desde logo estabelecido que o esforço para produzi-lo pode ou não, ao final, corresponder àquilo de fato se realizou.

Ultrapassado esse preâmbulo que se entendeu necessário, voltemo-nos para a discussão central.

Embora já reconhecendo ser contraditório o que se vai colocar aqui, pretende-se partir da ideia de experiência como ferramenta metodológica. O que se quer pensar é de que forma os sujeitos envolvidos na produção de bens culturais, simbolizados nessa pesquisa principalmente pelo livro, situados dentro de um segmento do mercado de produção de bens que se pode identificar como sendo da economia criativa, podem ou não interpretar a sua prática como sendo questionadora do modo de produção capitalista.

Na obra *Infância e História*, Agamben (2008), no estudo que carrega o mesmo nome da obra, sugere que a experiência é algo que o ser humano da contemporaneidade desconhece, posto que foi

expropriado dessa possibilidade pela ciência moderna, que converteu a experiência em experimento, impondo um conhecimento racional ou racionalizado que passou a substituir a imaginação. Construiu-se, a partir dessa racionalização, um sujeito que se reconhece como um eu pensante, que cogita das possibilidades, mede, pesa, quantifica, caracteriza, nomina, e estabelece as regras para todas as coisas. A experiência deslocou-se para fora do homem.

Ao analisar o papel da experiência, traz a linguagem como sendo o seu lugar próprio. É na linguagem e por meio dela que o ser humano pode se constituir enquanto sujeito. A linguagem permite ao ser humano criar sentidos e significados, esvaziar os sentidos e significados estabelecidos e criar novos, ressignificar e, portanto, experimentar. A experiência na linguagem e através dela situa o ser humano historicamente, desnaturalizando tudo que foi arbitrariamente determinado. Cria rupturas entre o que se pode considerar como dimensão natural e dimensão cultural.

É a linguagem quem introduz a cultura no mundo, emancipando o ser humano da natureza, liberando-o para interagir com outros indivíduos e, conjuntamente, criar significação para o meio que o circunda e todas as relações que se estabelecem entre essas interações, tornando-o ser histórico produtor de cultura.

Assim é que a experiência se produz ao se romper o silêncio, identificado como sendo a infância, e que, portanto, não se refere a uma etapa possível de situar no tempo passado, superada no ser humano, mas um traço permanente que avoca para si a potência criativa e transformadora da linguagem.

É a partir dessa noção de experiência em Agamben que se pretende partir. Em uma tentativa de movimento interpretativo, analisar a percepção dos agentes envolvidos na produção de bens culturais sobre o seu fazer, como eles significam as suas práticas ou se estão alheios, mergulhados em uma infância quanto às arbitrariedades engendradas pelo modelo capitalista de produção da cultura, expropriados de seu papel histórico.

Dialogando com esse movimento, busca-se articular a noção de rizoma esposada por Guattari e Deleuze, tentando pensar a experiência a partir de uma perspectiva arborescente, rompendo com o pensamento binário-cartesiano, para enxergar pontos de entrada e saída da linguagem.

Considerando o recorte da economia criativa como um Território, onde os sujeitos articulam-se e promovem agenciamentos decifrando os códigos que o compõem e se comunicando a partir deles, articulando estratégias que garantam a sua existência como sujeitos históricos ao mesmo tempo em que se ocultam, fazendo o jogo capitalístico e buscando implodi-lo.

Completando o banquete, convidamos Seidel⁴ a composição do percurso metodológico através da noção de experiência, ao afirmar a necessidade “de contato direto com esses produtores, sentir da forma como sentem, ver como vêm” de modo a escapar da pura teorização sobre o fazer e o seu significado, ancorando-se na dinâmica própria do agente, daquele que de fato realiza para construir uma noção que seja fidedigna dos “processos de criação, produção e recriação, sobre suas dinâmicas internas”.

Não se poderia concluir com algum acerto qualquer coisa acerca da experiência sem a participação na própria experiência. Perceber como a experiência relacionada a produção do livro com a dinâmica local, os significados atribuídos por quem os produz à forma como os produz e para aqueles em seu entorno, suas estratégias para a distribuição e circulação enquanto bem cultural, é capturada e subjugada ou não pelo mercado editorial capitalístico, pois como nos diz Seidel, “ao ganhar o mercado, [...] acaba por servir aos propósitos da fetichização: ela vira um fetiche”.

Retomando-se a discussão inicial, não é possível aprioristicamente determinar o que se irá encontrar ao longo do trajeto da pesquisa, se os rumos serão de fato aqueles desejados, se o modelo interpretativo que se pretendeu traçar para dissecar o objeto de estudo manteve sua coerência, se o problema mostrou-se consistente e se os resultados alcançaram a finalidade pretendida.

De fato, o que se pode dizer é que ao se defrontar com situações silenciadoras, estar-se-á diante de oportunidades de experimentar, de por em prática a teoria de que a experiência nasce do silêncio, e refletir sobre o que daí surgiu, do rompimento desse silêncio, da significação dada para o momento e qual papel foi desempenhado pela linguagem.

Ou se confirma a profecia autorrealizável que se quis encontrar ao traçar rigorosamente, dentro dos padrões estabelecidos pela ciência para a construção do conhecimento racional, tido como único válido e desejável, viável e capaz de alguma consideração; ou se alcançará minimamente a chance da experiência, onde o exercício da linguagem para romper o silêncio deseja a imaginação, aspira desvencilhar-lhe daquilo que oprime e sufoca a “voz” para fazer brotar algo, ainda que um tartamudeio, mas que se alcançou com independência, sem imposições e arbitrariedades.

De qualquer modo, tem-se quase por certo que o final da jornada, à conclusão do trabalho, devolver-se-á com intensidade vazios, silêncios, abismos e interrogações que podem ou não instigar e fazer querer, sonhar, desejar, aspirar por uma experiência capaz de satisfazer-lhes.

⁴ SEIDEL, Roberto Henrique. *Embates simbólicos: estudos literários e culturais*. Recife: Bagaço. 2007.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

SEIDEL, Roberto Henrique. *Embates simbólicos: estudos literários e culturais*. Recife: Bagaço. 2007.

